

INHOTIM: espaços e paisagens educadoras através da arte contemporânea.

INHOTIM: spaces and landscapes educators through contemporary art

José Roberto Merlin. Arquiteto Prof. Dr. FAUPUCCampinas

e-mail: jrmerlin@puc-campinas.edu.br

Eugenio Fernandes Queiroga. Arquiteto Prof. Dr. FAUUSP

e-mail: queiroga@usp.br

RESUMO

Este trabalho objetiva constatar e analisar a potencialidade educadora de Inhotim, uma fundação localizada na cidade de Brumadinho, a 80 quilômetros de Belo Horizonte, lugar em que o empresário Bernardo de Melo Paes, tem transformado uma antiga área rural de quase cem hectares, em um parque e jardim botânico repletos de obras de arte contemporâneas. Nele foram colocadas obras isoladas e pavilhões que abrigam inúmeras obras de arte de autores nacionais e estrangeiros, que foram disponibilizadas para visitação pública. Seu plano paisagístico e arquitetura buscam a qualidade espacial e o aprimoramento dos cidadãos da região, bem como incentivar processos de pesquisa vinculados à ciência e a arte, enfatizando ações educadoras, especialmente através do espaço.

Palavras Chave: espaços educadores, Inhotim, arte contemporânea, arquitetura, meio-ambiente

ABSTRACT

This work aims to observe and analyze the capability of Inhotim educator, a foundation located in the city of Brumadinho, 80 kilometers from Belo Horizonte, the place where the entrepreneur Bernardo de Mello Paes, has transformed a former rural area of nearly 240 acres, in a park and botanical garden full of contemporary artwork. In it were placed individual works and galleries that are home to numerous art works of national and foreign authors, which were available for public viewing. His plan architecture and urban space and seek to improve the quality of citizens of the region and stimulate research related to science and art, emphasizing educators actions, especially through space.

Keywords: spaces educators, CACI, contemporary art, architecture, environment

INTRODUÇÃO

Hoje, o desenvolvimento tecnológico satura a sociedade com informações inéditas a cada minuto, aturdindo mentes dos cidadãos mais reticentes ao exigir “upgrades” diários em todos os campos do saber. São os ventos da globalização insuflando o globo terrestre transformando-o a cada momento em aldeia global, prenunciada por tantos autores. Aprender no atacado, a cada instante, tornou-se a regra para a sobrevivência profissional, no mundo saturado pelo meio técnico, científico e informacional.

Neste quadro constata-se que a arcaica e lenta estrutura escolar brasileira não consegue dar conta de disseminar, sozinha, o conhecimento, na instantaneidade requerida pela nova organização social exigidas pelas demandas engendradas pela “sociedade do conhecimento”.

A história mostra que as cidades sempre educaram e, neste momento, estão sendo convocadas a cooperar na disseminação de diferentes saberes, para superar o descompasso da estrutura escolar.

O Estado está perdendo o monopólio no processo educativo enquanto as redes sociais promovem a alteridade e tornam-se protagonistas, na medida em que promovem a igualdade e a liberdade objetivando inovar, empreender e participar, miscigenando culturas e promovendo interações que incitam ao debate crítico, indutor da aprendizagem e do diálogo que constrói o sujeito coletivo.

Ratificando este processo, surgiu em Barcelona, 1990, a AICE- Associação Internacional das Cidades Educadoras – quando foi redigida a “Carta das Cidades Educadoras”, contendo vinte princípios objetivando pensar a cidade como “a maior escola do mundo”.

De outro lado, constata-se que a partir da segunda metade do século XX, inicia-se a crise do movimento moderno na arquitetura, que de forma assimétrica procura salvaguardar seus preceitos, experimentando diferentes caminhos. Um deles, que ainda prevalece, foi atrelar a “boa arquitetura” à produção de arquitetos “superstars” impostos pela mídia e pelo capital internacional, que acabam trivializando a forma e esvaziando de conteúdos culturais os partidos arquitetônicos e urbanísticos. A crise perdura já que, desde o “ninho de pássaros” da olimpíada chinesa, aos projetos de estádios de futebol para receber a Copa Mundial de Futebol do norte do Brasil lembrando serpentes, impõem-se uma arquitetura que se pretende contemporânea, simbólica e figurativa, mas sem fundamentos culturais significativos, desviando-se dos preceitos estruturais que sempre acompanharam a arquitetura e o urbanismo.

Este trabalho, analisando os conteúdos da Carta da AICE e constatando a ausência de proposições espaciais compatíveis com os preceitos educadores arrolados no documento, procura descobrir parâmetros, vinculados a processos potencialmente educadores, objetivando subsidiar processos propositivos mais compatíveis ao campo da arquitetura e do urbanismo, encarado como produção cultural. Para tal visitamos o Inhotim, um lugar brasileiro onde arquitetura, arte e

paisagens parecem confluir por um caminho novo, tendo por base a arte contemporânea e processos educadores.

ESPAÇO, EDUCAÇÃO E A CARTA DA AICE

De forma geral o trabalho pretende apontar as potencialidades educadoras no âmbito dos espaços públicos, detendo-se na análise dos atributos da área de arquitetura e urbanismo em si como disciplina e em programas de necessidades funcionais, tornando-se necessário tingir, mesmo que toscamente, o que significam educação e espaço.

A primeira idéia a ser rompida é a concepção de “espaço físico” banalizado como mera concreção pragmática, algo sem alma e sem história, restrito a unidade de medida física geometricamente definível, quando se sabe que os espaços contam a história da civilização humana, são objetos informativos e formativos extrapolando a mera materialidade. Segundo SANTOS (1985), o espaço só pode ser estudado através da apreensão da sua relação com a sociedade através das categorias analíticas: forma, função, processo e estrutura

Quanto à educação, foi decidido situá-la dentro dos limites da compreensão das proposições espaciais, mas parametrizada pelas assertivas de Paulo Freire, especialmente quando tomada como prática de liberdade, articulada com a inexorável força do processo de educação continuada em que estamos impelidos pela vida contemporânea.

Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem. Qual seria o núcleo captável a partir de nossa própria experiência existencial? O inacabamento ou a inconclusão do homem. O homem se sabe inacabado, por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 2001, p.27).

Assim o homem atento, precisa estar diuturnamente investigando e compreendendo as transformações do mundo e se aprimorando enquanto sujeito para enfrentar a vida na “sociedade do conhecimento”.

Infelizmente, mesmo em ambientes escolares, descumprem-se as prerrogativas de gerar espaços educadores libertários, tendendo mais a docilizar as pessoas que conscientizá-las, conforme descreve Mayumi de Sousa Lima.

“as salas de aula tinham, como continuam tendo, orientação para abertura de janelas à esquerda das carteiras, quadro à frente (...), junto à porta de acesso, com visor para a inspeção dos administradores. Essas salas sucediam-se lado a lado, ao longo de corredores (...) Este esquema, sempre igual, dava às escolas uma ar de caserna ou de presídio, onde as crianças caminhavam em filas, sob as vistas dos professores ou dos bedéis.” (LIMA, 1989, p. 58).

Ressalte-se a importância do espaço arquitetônico como produto cultural diante das atitudes responsáveis por parte do arquiteto como profissional, onde se incluem as prerrogativas educadoras.

"... não basta operar a partir de determinadas noções espaciais que se propõem como dados primeiros de uma cultura (...) é necessário, a partir desses dados, propor organizações espaciais que funcionem como informadoras e formadoras (educadoras) dos usuários na direção de uma mudança de comportamento que possa ser considerada como aperfeiçoadora das relações inter-humanas e motrizes do pleno desenvolvimento individual..." (COELHO NETO, 1997, p.47-48)

Reafirma-se também, que o espaço é fruto do desenho urbano e sua relação com os elementos urbanos que nele interferem. Acompanha os fluxos dinâmicos da sociedade, acarretando relações de identidade e memória que criam símbolos entre os espaços e seus usuários permitindo, quase sempre, o reconhecimento do local através dos eventos ali realizados.

Depreende-se ser indubitável que o espaço reflete a estrutura social e explicita o estágio de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade que o produziu. Considerado como totalidade híbrida e indissociável entre sistema de objetos e sistema de ações (SANTOS, 1996), o espaço deixa de ser palco das ações humanas e assume com muita força, especialmente nos últimos anos, o status de instância social, tal como a economia e a política.

Convalidando esta tendência de pensar o espaço buscando conhecer, problematizar e enfatizar seus atributos educadores na cidade surgiu, em Barcelona (1990), a AICE - Associação Internacional de Cidades Educadoras, mostrando que a cidade pode se tornar uma grande escola e oferecer infindáveis possibilidades educadoras. A AICE, propugnando que a cidade seja a maior escola do mundo, já congrega cerca de 400 cidades em mais de 35 países. Do 1º Congresso Internacional de Cidades Educadoras, realizado em Barcelona, surgiu o embrião da "Carta das Cidades Educadoras", revista nos congressos de Bolonha (1994) e de Genova (2004). Apoiada pela UNESCO sugere através de vinte princípios que o meio urbano possibilita ações de "educação permanente" e estimula que as urbes se tornem plenamente "educadoras" – adjetivo daquelas que se comprometam institucionalmente com a função pedagógica em todas as suas ações e intervenções. Serve de paradigma para ajuizar a capacidade ou potência educadora da cidade, através da educação formal, da educação informal e da educação não formal.

"... a cidade oferece importantes elementos para uma formação integral: é um sistema complexo e, ao mesmo tempo, um agente educativo permanente." (CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS, 2004)

Segundo a mesma Carta será educadora a cidade que assuma a função educadora com a mesma intencionalidade com que assume as suas funções tradicionais.

"A cidade será educadora quando reconheça, exercite e desenvolva, para além das suas funções tradicionais (econômica, social, política e de prestação de serviços) uma função educadora, quando assuma a intencionalidade e responsabilidade cujo objetivo seja a formação, promoção e desenvolvimento de todos os seus habitantes,

começando pelas crianças e pelos jovens”. (CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS, 2004)

QUALIDADES E PARÂMETROS COMPATÍVEIS COM OS ESPAÇOS EDUCADORES

A Carta da AICE é o instrumento básico das ações das cidades-membros filiadas à entidade. Cabe observar que ela discorre sobre processos educadores, mas pouco se refere a espaços arquitetônicos ou urbanísticos. Dos vinte itens que compõem a carta, a questão espacial aparece em poucos deles, e ainda de forma genérica e indireta. No item 1 aparece a necessidade de prover a acessibilidade: *“No planejamento e governo da cidade tomar-se-ão todas as medidas necessárias para eliminar os obstáculos (incluindo as barreiras físicas) que impeçam o exercício do direito da igualdade.”* No item 15 tende a mostrar a história do lugar: *“Uma cidade educadora deverá saber encontrar, preservar e divulgar a sua própria identidade. (...) Poderá assim oferecer uma imagem atractiva sem desvirtuar o seu ambiente natural e social.”* Já no item 16 e 17 o texto é mais explícito ao tratar da paisagem, da preservação do patrimônio e do desenvolvimento de processos de convivência e encontros que tendem a instigar a alteridade inclusive entre distintos territórios:

16. A transformação e o crescimento de uma cidade deverão ser regidos pela harmonia entre as novas necessidades e a perpetuação de construções e símbolos que constituem claras referências do seu passado e da sua existência. O planejamento urbano deverá ter em conta o impacto deste no desenvolvimento de todos os indivíduos, a integração das suas aspirações pessoais e sociais e deverá agir contra a segregação de gerações, as quais têm muito a aprender mutuamente. O ordenamento do espaço físico urbano deverá realçar o reconhecimento das necessidades de recreio e de lazer e propiciar a abertura a outras cidades e à natureza, tendo em corda a interação entre elas e o resto do território.

17. A cidade deverá garantir a qualidade de vida a partir de um meio ambiente saudável e de uma paisagem urbana em equilíbrio com o seu meio natural. (CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS, 1990)

Ao refletir sobre a qualidade espacial da cidade interessa apontar itens que Lynch (2007, p.117-118) determina como componentes da boa forma urbana. São eles:

VITALIDADE: vinculada em como a forma urbana suporta as funções biológicas vitais de acordo com a capacidade dos seres humanos;

SENTIDO: capacidade de compreensão e diferenciação mental dos usuários vinculando o espaço a seus conceitos construídos pela sua história de vida, tratando das correspondências entre o ambiente e nossas construções mentais, sensoriais e culturais;

ADEQUAÇÃO: eficiência dos espaços ao responder quantitativa e qualitativamente a diversos cenários e padrões comportamentais tanto hoje como no futuro;

ACESSO: competência do espaço em incitar (ou pelo menos não obstaculizar) inter-relações pessoais e acesso a informações, recursos e atividades que o cidadão possa conseguir serviços de diferentes naturezas;

CONTROLE: utilização de espaços permitindo acesso, criação, modificação e gestão de atividades pelo usuário possibilitando criação estimulando atividades pró-ativas;

EFICIÊNCIA: vinculada ao custo da criação e manutenção para a concretização de todas as dimensões anteriormente citadas; e

JUSTIÇA: avaliada pela forma como estes benefícios foram distribuídos de modo a equilibrar os ganhos entre todos os cidadãos.

Mostradas e comparadas as proposições da Carta da AICE e dos parâmetros da boa forma urbana propostos por Lynch, montou-se um quadro síntese, que pretende avaliar o possível a potencial capacidade educadora dos espaços públicos, concentrados em cinco itens. Os espaços tornam-se potencialmente educadores quando mais e melhor cumprem os tópicos abaixo:

- a. RELAÇÕES COM ENTORNO – quando permitem ampla acessibilidade (física, social e cultural) respeitam o meio ambiente e se integram ao entorno em todas as suas dimensões, possibilitando a permeabilidade de espaços e de percursos;
- b. HISTÓRIA DO LUGAR – Quando relatam a história do lugar desvelando os eventos significativos pregressos preservando as rugosidades; evidenciam como e quando foram concebidos e construídos e suas transformações no decorrer do tempo e; revelam intencionalidades dos propositores, sejam eles agentes sociais, políticos ou autores do projeto;
- c. ENCONTROS HUMANOS – quando estimulam (ao menos não impedem) possibilidades de eventos sociais, políticos ou culturais *stricto sensu* (esfera pública política) e *lato sensu* (esfera pública geral), promovem relações interpessoais e entre grupos e estimulam o respeito à alteridade;
- d. SUSCITAR PERCEPÇÕES – Quando aguçam os órgãos dos sentidos humanos (visão, olfato, tato, audição, gustação) e facilitam a eclosão de sensações de estranhamento;
- e. QUALIDADE DO DESIGN – Quando permitem múltiplos usos e propiciam atividades de lazer e aprimoramento (contemplação, cultivo do corpo, descanso etc.) e, principalmente, quando dignificam o lugar como produção cultural, oferecendo espaço de qualidade funcional, técnica, ética, política e estética à apropriação pública devido à qualidade de seu desenho e processo construtivo.

Em síntese, tais espaços devem oferecer ambientes favoráveis à interação social e a processos educadores de forma sistêmica, tratando forma e função como um todo, gerando sinergias através de ambientes que também sejam em si, educadores, pelas interações produzidas nos usuários em conjunto com seus atributos funcionais, fazendo o ambiente e o cenário protagonizarem autonomamente, ou em conjunto com outros conteúdos programáticos potencialmente educadores.

INHOTIM COMO ESPAÇO EDUCADOR

Inhotim é uma proposta nova de museu ao ar livre situado em Brumadinho MG, a cerca de oitenta quilômetros de Belo Horizonte. Seu proprietário Bernardo de Mello Paes, influenciado por alguns artistas, arquitetos e paisagistas como Burle Max construiu numa fazenda uma série de pavilhões, esculturas e espaços que dão qualidade artística ao lugar. É impossível no espaço deste trabalho esgotar a análise das possibilidades educadoras de todos os artefatos e edifícios construídos em Inhotim. A escolha para analisar e concluir foi pautada por nossa visão pessoal, tendo como critérios a beleza, o inédito, o insólito e qualquer conteúdo considerado educador.

Visitamos o local para ensejar indagações e considerações baseando-se nos roteiros existentes nos folhetos de visitação e no quadro de parâmetros por nós constr idos, que definem o potencial educador do espaço. Percorrendo os espaços através destes roteiros foram feitas fotografias abaixo apresentadas classificadas como percursos, galerias e obras de arte. No final percebeu-se que as fotos são em si, auto-explicativas

PERCURSOS

Por todo o Inhotim encontram-se caminhos conectando edifícios, esculturas, jardins e matas que vão compondo um percurso caprichosamente desenhado como se v  na Figura 01, configurando quatro roteiros e inúmeros espaços de diferentes fun es: desvelando as galerias, as obras de arte, os lugares de espécies notáveis e os serviços de apoio essenciais que vão de teatro a fraldário e sanitários.



Figura 01 Tratamento do percurso com esculturas, mobiliários e jardins. Foto J. R Merlin

Neste roteiro há miscigena o da paisagem natural com paisagens antrópicas enriquecidas por obras de arte como esculturas e mobiliários e equipamentos. A organiza o da vegeta o  

cuidadosa objetivando atingir o prazer estético e oferecer espetáculo plástico, evidenciando intenções compositivas em todos os lugares da paisagem.



Figura 02. A entrada, o lavabo e a organização de vasos entre árvores. Foto J.R.Merlin

GALERIAS

Galeria Doug Aitken



Figura 03. Obra de Doug Aitken evidenciando o som da terra. Foto J R Merlin



Figura 04. As pessoas deitam para ouvir o som da terra. Foto J. R. Merlin

Nesta galeria é possível encontrar, ver e ouvir a obra *“Sonic Pavilion”* de Doug Aitken, produto de uma escavação de 200 metros de profundidade onde foram colocados microfones e ampliadores de sons que transmitem ruídos das profundezas da terra. A forma do edifício é pura e os vidros são especiais visto que, a cada visada, tem-se uma mirada límpida no centro e sensações de brumas nas laterais do cilindro de vidro, como que dialogando com o município de Brumadinho, até pelo nome.



Figura 05. Entrada para a obra de Doug Aitken. Foto J R Merlin

Pode-se observar no entorno do prédio o diálogo com as montanhas ao fundo, através da disposição ondulada da terra e do paisagismo pensado para dialogar com os diferentes tipos de matas. Com a mesma intenção, a terra da escavação da cratera, foi deixada aleatoriamente ao redor da galeria, transformando-se em forte revelador da história do lugar e expondo a natureza do subsolo.

Galeria Matthew Barney



Figura 06. Vista externa Galeria Matthew Barney. Foto J R Merlin

Numa estrutura tipo geodésica o artista enfatiza a luta entre os orixás da preservação e destruição da mata, recuperando materiais de um desfile de carnaval na Bahia, onde uma árvore e uma pesada máquina parecem se digladiarem sobre alguns enfeites. O trabalho deixa transparecer as

questões funcionais, técnicas, éticas, políticas e estéticas relativas à preservação do meio ambiente, tangendo levemente as festas populares do país. A transparência e a reflexão do vidro fazem com que a paisagem externa seja reproduzida na forma geodésica quando se olha de fora, da mesma forma que traz a paisagem natural para dentro do ambiente quando se está no interior.



Figura 07. Obra “*De lama lâmina*” na Galeria Matthew Barney Foto J.R.Merlin

Galeria Miguel Rio Branco

Nesta obra “*o artista imaginou o pavilhão como uma pedra esculpida pousada sobre o lugar*” segundo a revista Monolito (Edição nº4, 2011, p.94). Parece ter sido parcialmente atendido conforme se vê nas fotos, fruto da vedação do espaço todo com aço cortem. Apresentando diferentes pés-direitos conforme a função, relaciona-se com o entorno de forma inteligente, aproveitando o desnível do terreno e garantindo o jogo de luz e sombra. Da mesma forma o sistema construtivo aguça a percepção especialmente em torno da escada que vai da entrada para o piso superior.



Figura 08- Vista externa da Galeria Miguel Rio Branco. Foto J. R. Merlin

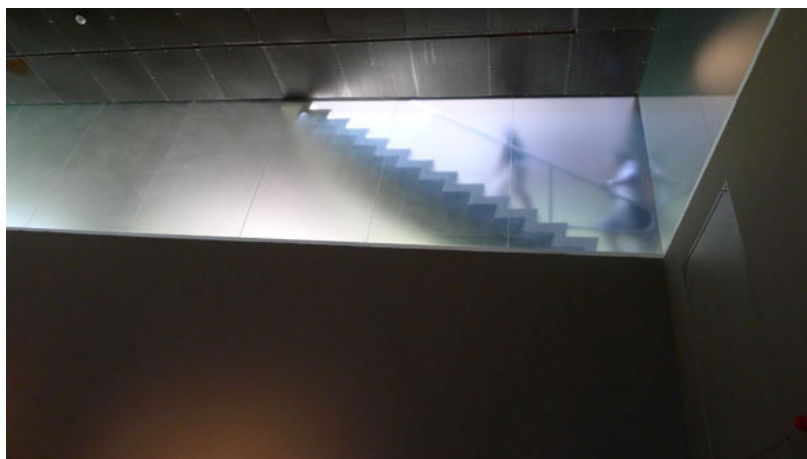


Figura 09. Vidro translúcido mostra transeuntes e passagem de luz. Foto: J. R. Merlin



Figura 10- Detalhes que incitam a percepção. Foto: J. R. Merlin

Desse modo, instiga intensamente os sentidos a vedação transparente, que permite de uma das salas de exposição possam avistar as silhuetas de pessoas passando pela escada, criando também uma relação inusitada de sombras e luzes como se pode observar na Figura 09.

Na Figura 10 reafirma-se o jogo de luz e de sombra, a “flutuação” e a leveza da escada e a relação do edifício com o entorno próximo, criando espaços permeáveis inéditos.

Galeria Tunga

Recém inaugurada, esta galeria prima pela fluidez dos espaços e variedade de seus espaços que contam com pés-direitos de várias dimensões e comporta inclusive um mezanino que dá amplitude aos espaços de exposição. A relação que mantém com o entorno é extremamente interessante não constituindo os limites tradicionais e gerando percursos cujo ponto alto é a permeabilidade entre o cheio e o vazio.



Figura 11. A relação com o entorno e a paisagem. Foto J. R. Merlin

Galeria Lygia Pape

Concebido basicamente para abrigar “Tetéia”, 1991, esta galeria parte de uma planta quadrada que envolve um corredor e um teto também quadrado de dimensões diferentes que, ao se unirem sofrem distorções gerando uma forma inusitada.



Figura 12. A geometrização da forma e a obra de arte. Foto J. R. Merlin

Galeria Adriana Varejão

Determina uma inflexão nas concepções dos edifícios das galerias no Inhotim uma vez que o a arquitetura não mais se pretende neutra. Ao contrário, procura potencializar a compreensão da obra como afirma Wisnik (Monolito, 2012, p.66) ao analisar a obra: *“Se a obra de arte fala da dialética entre superfície e carnalidade, cruzando o decorativo e o escatológico, a arquitetura não se furta ao problema”*. Exatamente pela mudança de postura é que se decidiu colocar muitas imagens para melhor entendimento desta obra.



Figura 13. Vista da entrada. Foto J. R. Merlin

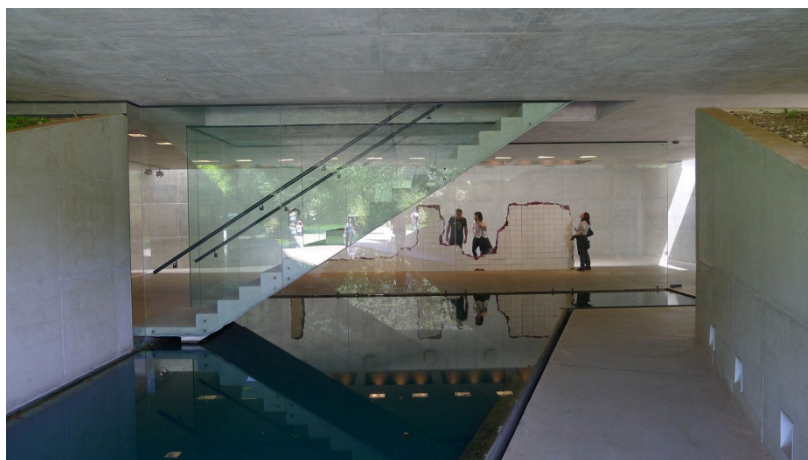


Figura 14. Vista do espaço de transição na entrada. Foto J. R. Merlin

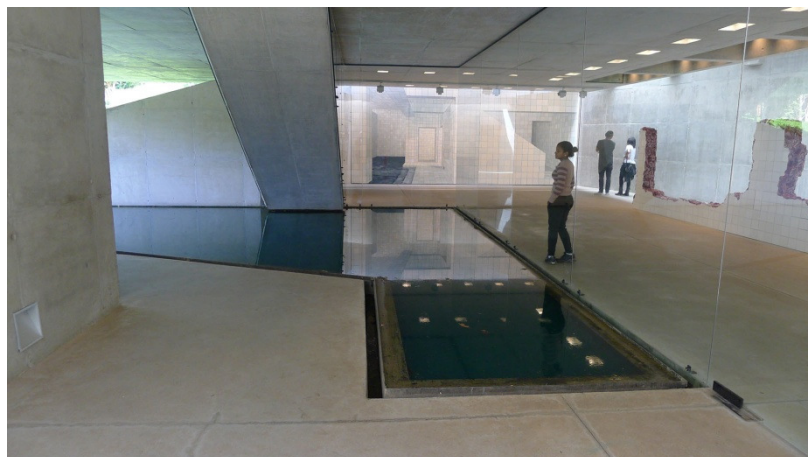


Figura 15. No espaço de transição aparecem as obras de arte. Foto J.R. Merlin



Figura 16. Perspectiva com azulejos vista na transição dentro-fora. Foto J. R. Merlin

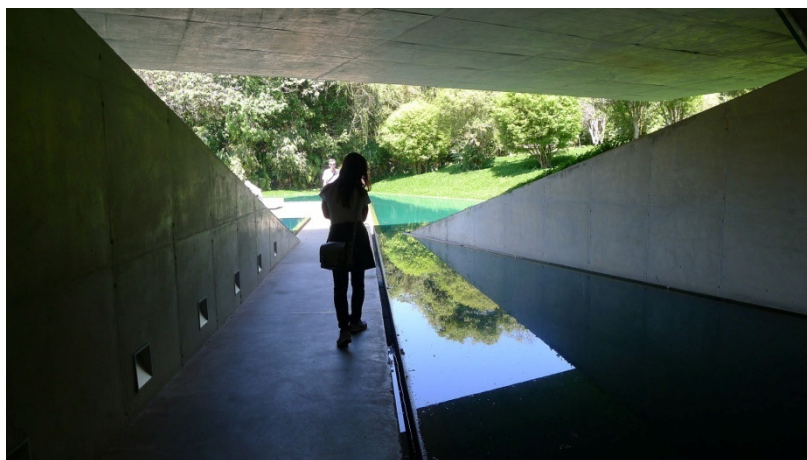


Figura 17. Olhando do interior para o exterior na entrada da galeria. Foto J. R. Merlin

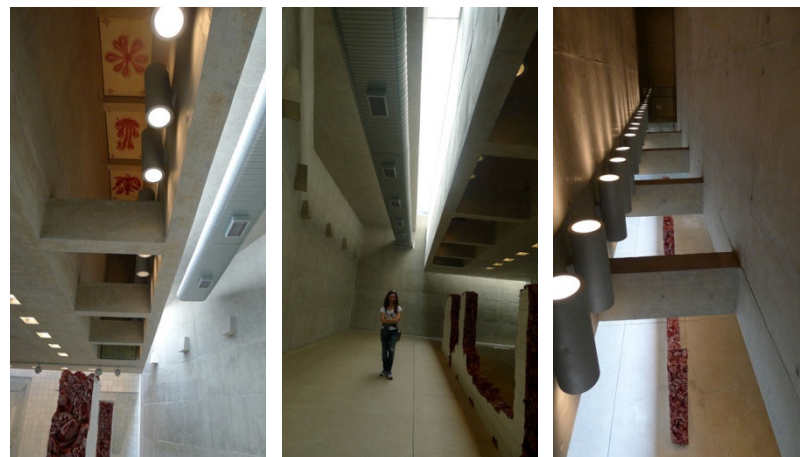


Figura 18. Jogo de luzes diretas e indiretas. Foto J. R. Merlin



Figura 19. Vistas externas das entradas, saídas e do teto-terraço. Foto J. R. Merlin

OBRAS DE ARTE

Muitas obras de arte são mostradas no Inhotim, umas fora, outras dentro dos espaços edificados. Muitas delas já apareceram no corpo deste trabalho junto às galerias, outras têm força e tamanho para aparecerem sozinhas. Devido ao número abundante, não sendo possível mostrar todas elas nos restringimos a três, muito significativas.

A *Beam Drop Inhotim* foi concebida jogando-se através de uma grua que atingia 45 metros de altura, vergalhões obtidos em ferros-velhos da região, numa piscina de concreto. A *Elevazione* é um tronco de árvore de bronze fundido elevada do chão e cercada por árvores naturais que acabam mesclando-se e confundindo a visão do que seja natural ou artificial. A *Bisected angle* foi concebida de aço inoxidável e vidro numa geometria perfeita.



Figura 20. Escultura *Beam Drop Inhotim*, 2008, de Chris Burden. Foto J. R. Merlin



Figura 21. Escultura *Elevazione*, 2001, de Giuseppe Penone. Foto J. R. Merlin



Figura 22. Obra *Bisected triangle*, 2002, de Dan Graham. Foto J. R. Merlin

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inhotim, nos seus 97 hectares, trata exemplarmente da arquitetura, da arte e da paisagem como também um jardim botânico. Desenvolve pesquisas na área ambiental e pratica ações educativas buscando a inclusão social e o desenvolvimento da cidadania para a população local. Sua gestão é feita pelo Instituto Inhotim, uma OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - que está construindo um lugar de aprimoramento e fruição estética e de entretenimento e lazer. É uma escola a céu aberto, que fez do espaço, do paisagismo e da arte, motivações para o aprimoramento humano, no campo da ciência e da arte, objetivando a formação do ser na totalidade.

Percorrendo suas galerias e obras de arte tornam-se evidentes os trabalhos, tanto com a esfera de vida pública política *stricto sensu*, como com a esfera pública geral em seu sentido amplo, voltada, inclusive, ao entretenimento, através de um espaço de propriedade privada, mas com forte apropriação pública.

Ao aplicar os parâmetros que desenvolvemos para que um espaço possa ser ou não considerado educador constatou-se que os cinco itens principais - relações com o entorno, história do lugar, estimulação de encontros humanos, suscitar as percepções e qualidade do design - são características recorrentes e tratadas com precisão em quase todos os espaços inhotimhanos. O espaço todo tem vinculações culturais e permitem o cultivo do corpo e da mente. A maior parte deles dignificam o lugar. São espaços valorosos funcional, técnica, ética, política e esteticamente adequados à apropriação pública devido a qualidade de seu desenho e processo construtivo.

Finalizando, entende-se que as fotos são autoexplicativas e Inhotim é espaço insólito, educador por excelência e belo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AICE- *Carta das Cidades Educadoras*. Declaração de Barcelona, 1990, revisão Bologna, 1994. Disponível em: <www.fpce.up.pt/OCE/Cartadascidadeseducadoras.pdf>. Acesso em: 20 set. 2012.

ARENDDT, Hannah (1958). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

BAHAMÓN, Alejandro; ÁLVAREZ, Ana Maria. *Luz color sonido: efeitos sensoriales em la arquitectura contemporânea*. Barcelona: Parramón, 2010.

BAKER, Geoffrey H.. *Análisis de la forma*. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins, 2005.

CLARK, Roger H.; PAUSE Michael. *Arquitectura: Temas de Composición*. México: Gustavo Gili, 1987.

COELHO NETO, J. Teixeira. *A Construção do Sentido na Arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates, 1997.

FERRARA, Lucrecia. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1986.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 2001.

GADOTTI, Moacir; PADILHA Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia.(orgs.) *Cidade educadora: princípios e experiências*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Ciudades Educadoras América Latina, 2004.

HABERMAS, Jurgen. *Conhecimento e Interesse*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____ *Mudança Estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução: Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HOLL, Steven. *Questiones de percepción*. Fenomenologia de la arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.

INNERARITY, Daniel. *O Novo Espaço Público*. Lisboa: Teorema, 2010.

LEUPEN, Bernard et al. *Proyecto y análisis: evolución de los principios en arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

LIMA, Mayumi S. *A cidade e a criança*. São Paulo, Nobel, 1989.

LINCH, Kevin. *La imagen de la ciudad*. Buenos Aires: Infinito, 1970.

_____ *A Boa Forma Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2007.

MONOLITO. Revista. *Inhotim arquitetura, arte e paisagem*. Edição nº 04. Agosto/setembro 2011. Revisada junho/2012.

RIO, Vicente del; Oliveira, Livia de (orgs) *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos-SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

_____ *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.